

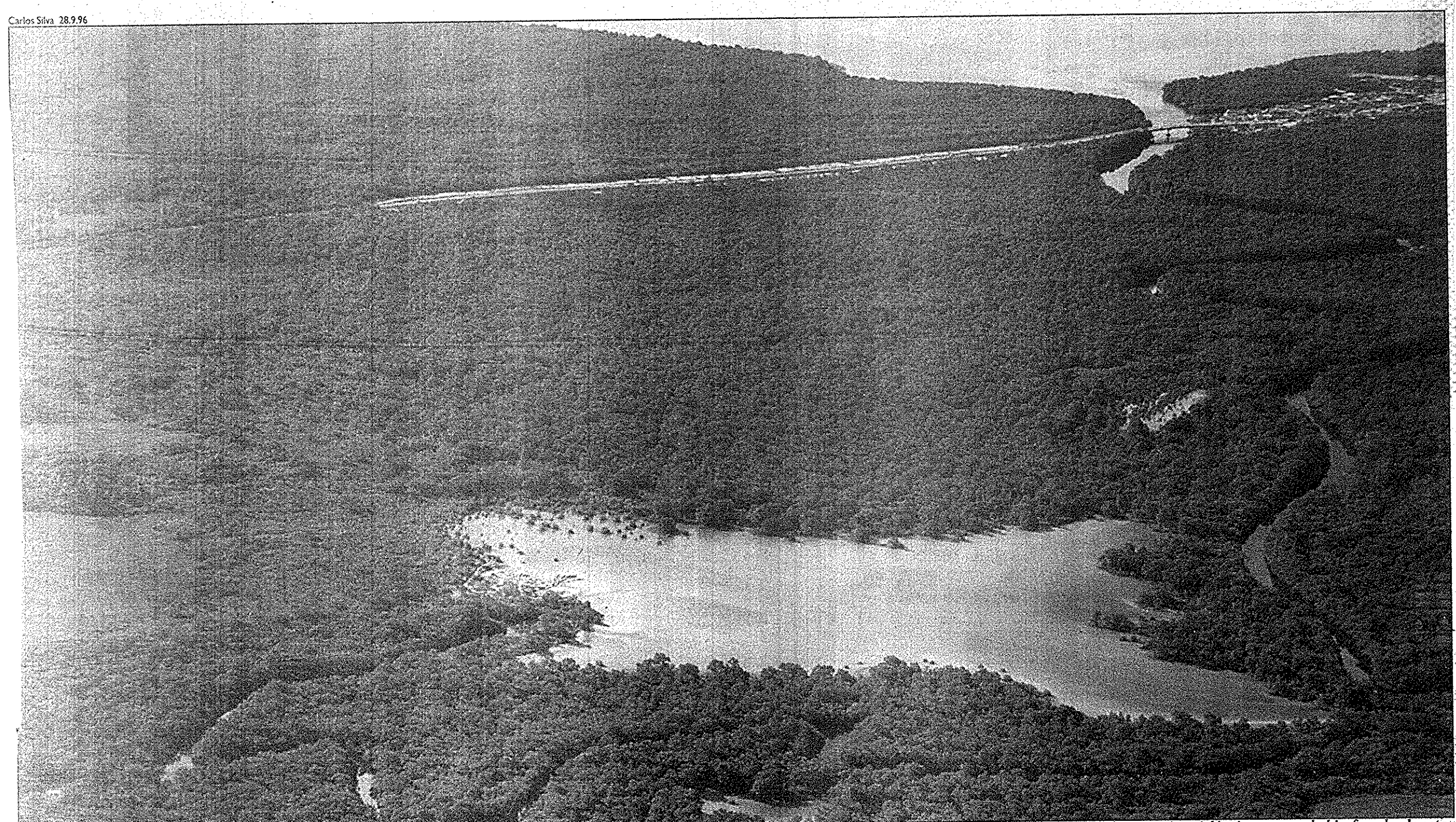
PÁGINA 11: Dois sem-terra são libertados no Paraná. / **PÁGINA 13:** Interpol pede ajuda para combater lavagem de dinheiro. / **PÁGINA 15:** Rio Grande do Sul já tem mais de 14 mil desabrigados. / **PÁGINA 17:** Carreira militar terá status especial. / **PÁGINA 19:** Pedetista quer assembleia revisora em 1998. / Historiadora conta que Brasil ajudou EUA a reprimir comunistas.

10 Brasília, quinta-feira, 23 de outubro de 1997

BRASIL

CORREIO BRAZILIENSE

EDITOR: Kido Guerra. SUBEDITOR: Renato Ferraz. TELEFONE: (061) 342-1171/1172. FAX: (061) 342-1155. E-mail: brasil@cbdata.com.br



Trecho remanescente de mata nativa no litoral fluminense: se a aprovação do relatório se confirmar, Brasil pode se tornar objeto de pressões internacionais, pois a Unesco declarou a Mata Atlântica reserva da biosfera do planeta

O VERDE EM PERIGO

Relatório aprovado em comissão da Câmara abre espaço para que madeireiras possam desmatar o que resta da Mata Atlântica

Lisandra Paraguassú
Da equipe do Correio

A Mata Atlântica já ocupou um oitavo do território brasileiro. Reduzida hoje a 100 mil quilômetros quadrados — o equivalente a pouco mais do que o estado de Pernambuco —, a floresta está ameaçada de ficar ainda menor. Um relatório aprovado quase silenciosamente pela Comissão de Minas e Energia da Câmara dos Deputados poderá ser a deixa para permitir que a floresta seja transformada em madeira e pastagens.

O substitutivo do deputado Paulo Bornhausen (PTL-SC) ao projeto original do ex-deputado Fábio Feldmann — atual secretário do Meio Ambiente do estado de São Paulo —, tira do governo federal a competência para decidir em que situações a floresta poderá ser desmatada, amplia a possibilidade de corte e diminui a área de proteção ambiental.

O relatório de Bornhausen foi aprovado por seis votos a sete na comissão, mas nem todos os deputados presentes estão convictos das suas posições. Alguns chegaram a sair da sala quando foi anunciada que a votação seria nominal.

Se aprovado em plenário como está, o projeto — que destinava-se a proteger a Mata Atlântica — poderá transformar-se no pesadelo dos ecologistas. “É uma proposta irresponsável, que abala a imagem do Brasil internacionalmente”, afirma Iris Mendes, secretária-executiva da Associação Brasileira de Entidades Estaduais de Meio Ambiente (Abecma).

Uma das principais críticas feitas pelas Organizações Não-Governamentais (ONGs) é a instituição dos Conselhos Municipais da Mata Atlântica. Formados por representantes dos governos municipais, ONGs, empresários e pessoas ligadas à proteção do meio ambiente, os Conselhos te-

riam a função de definir, dentro da área dos municípios, os casos em que seria autorizado o desmatamento.

Na prática, os conselhos executariam a função que hoje cabe ao Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (Ibama) e ao Conselho do Meio Ambiente (Conama). Um detalhe, no entanto, muda substancialmente o resultado para plantas, animais e quaisquer seres vivos que habitam a Mata: a possibilidade de as decisões serem influenciadas por interesses locais. O poder de um dono de madeireira que ameaça fechar as portas pode significar mais para um prefeito do que alguns hectares de mata nativa.

“A pressão econômica em cima de um conselho municipal é muito mais poderosa do que sobre o Ibama”, diz Iris.

Paulo Bornhausen nega que tenha tentado facilitar o desmatamento. O deputado alega que sua intenção era levar a decisão para mais próximo do

local onde ela realmente tem influência. “O que não se pode dizer é que a ignorância, o devastador, está no município”, afirma.

A proposta original previa que a retirada de qualquer tipo de vegetação da Mata Atlântica deveria passar pela aprovação do Ibama e do Conama, mesmo aquelas que fossem resultado de reflorestamento. Os pro-

“SE ESTE PROJETO FOR APROVADO ASSIM, O BRASIL SE TORNARÁ O CAMPEÃO MUNDIAL DA DEVASTAÇÃO”

Fábio Feldmann,
secretário do Meio Ambiente de São Paulo

rada e admite casos de extração mesmo em estados com menos de 5% de mata nativa. O substitutivo diminui também a área que hoje é considerada Mata Atlântica. As florestas de araucária, encontradas na região sul, foram retiradas do projeto. As araucárias são um dos alvos preferenciais das madeireiras, principalmente no Paraná e em Santa Catarina — estado de Bornhausen.

“Se este projeto for aprovado assim, o Brasil se tornará o campeão mundial da devastação”, afirma Fábio Feldmann. O secretário não acredita, no entanto, que o Congresso chegue a aprovar em plenário o substitutivo de Bornhausen. “Seria atender a interesses predatórios de madeireiras”, diz.

Feldmann lembra ainda um outro problema no relatório, apontado também pelos deputados Luciano Zica (PT-SP) e Octávio Elísio (PSDB-MG). A Constituição determina que a Mata Atlântica é patrimônio nacional. Sua preservação, portanto, seria atribuição do governo federal, e não poderia ser outorgada a conselhos municipais.

Além disso, o Brasil é signatário da Convenção da Diversidade Biológica — assinada pelo país durante a ECO 92

— e da Convenção de Mudança do Clima, também assinada pelo país durante o mesmo encontro. Além disso, a Unesco declarou a Mata reserva da biosfera do planeta. “Se o substitutivo for acolhido, o Brasil com certeza será objeto de grandes pressões da comunidade internacional”, advertiu Feldmann.

Ainda há esperanças, no entanto, de que o substitutivo seja modificado. Depois de aprovado na Minas e Energia, o projeto será discutido pela Comissão de Constituição e Justiça (CCJ). A CCJ terá dois relatórios para analisar. Além do de Bornhausen, há o aprovado há dois anos — praticamente sem alterações à proposta original — pela Comissão de Meio Ambiente.

Não tão seguro de que seu substitutivo será aprovado, Bornhausen convidou os deputados que não aceitaram sua proposta a discuti-la antes da votação em plenário. Alguma esperança ainda há contra o desmatamento.

■ Colaborou: Asséf Kfourri

SERVIÇO

Onde saber mais sobre a Mata Atlântica:
Ibama (061) 316.1212
SOS Mata Atlântica (011) 887.1195

DEVASTAÇÃO BIODIVERSIDADE RESISTE

A Mata Atlântica chegou a cobrir mais de um milhão de quilômetros quadrados, ou 12% do território brasileiro — do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul. Agora, está reduzida a menos de 100 mil quilômetros quadrados.

Mesmo assim, os trechos remanescentes de floresta ainda abrigam um dos maiores níveis de biodiversidade do mundo, e cerca de 10% das espécies do planeta vivem nos ínfimos 7% de área que resistiram à exploração depredatória. A maior parte dos animais brasileiros ameaçados de extinção também é originária da Mata Atlântica, como o mico-leão, a lontra, a onça-pintada, o tatu-canastra e a arara-azul-pequena. O pau-brasil e árvores importantes como o pinheiro-do-paraná, o cedro, as filgueiras, os ipês e as braúnas tam-

bém fazem — ou faziam — parte da paisagem original.

A Mata Atlântica é um dos ecossistemas brasileiros — como a Amazônica, o Cerrado, o Pantanal, a Zona Costeira, a Caatinga e os Campos — e abrange algumas das bacias mais importantes do país: dos rios Paraná, São Francisco, Uruguai, Paraíba do Sul, Doce e Jequitinhonha. Nela também se encontram belas matas de altitude, como as da Serra do Mar e de Itatiaia.

Os 500 anos de exploração econômica desordenada depredaram a Mata Atlântica. Da extração predatória do pau-brasil, no século XVI, à derrubada de florestas inteiras no Espírito Santo, em pleno século XX — para a indústria de papel e celulose —, a mata, até hoje, é lamentavelmente vista apenas como reserva de matéria-prima.

ESPÉCIES

Hoje, há apenas

100 mil

metros quadrados de Mata, o equivalente a

7%

da área original.

São encontradas hoje pelo menos

10 mil

espécies de plantas e

694

espécies de animais — entre mamíferos, roedores, aves, anfíbios, répteis e primatas